

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 3, 1984

Páginas 121 - 127

Balada bem bolada.

Marlise Vaz Bridi Ambrogi

A obra ficcional de José Cardoso Pires, vista em seu conjunto, estabelece uma certa tradição interna, ou seja, um elenco de procedimentos que perpassa sua produção como um fio condutor desde seu primeiro livro de contos, Os caminheiros e outros contos (1949), até as narrativas de O burro em pé (1979). Entre eles, destacam-se o desinteresse pelo narrado e a exposição dos conflitos de valores que dão consistência às suas personagens.

Contra esse fundo, surge em 1982, a Balada da praia dos cães que, em curto espaço de tempo, tornou-se um best-seller, transformador do panorama editorial português. Por parte da crítica, recebeu o maior prêmio literário do país: o Grande Prêmio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores. Essa concordância entre público e crítica não é inusitada na carreira do autor mas, sem dúvida, a pronta e maciça vendagem do livro

---

Marlise Vaz Bridi Ambrogi é professora do Departamento de Teoria Literária do IEL - UNICAMP

causa certa espécie pois, anteriormente, sempre houve de fasagem sensível entre a recepção da crítica e a dos leitores.

A Balada da praia dos cães tem seu entrecho apoiado em um fato verídico que mobilizou a opinião pública portuguesa, em 1960. Trata-se do assassinato de um capitão de cavalaria que, após ter participado de uma rebelião contra o governo salazarista, fugiu da prisão acompanhado por um médico e um cabo que viriam, mais tarde, a cometer o crime. Pelos antecedentes políticos da vítima e também pela implicação direta ou indireta de outras pessoas nos acontecimentos (como uma amante e um advogado) o caso revestiu-se de mistérios engendrados por interesses variados, o que ampliou seu potencial sensacionalista e, portanto, a curiosidade pública.

Passados 22 anos, Cardoso Pires lança um romance que revolve o caso o que, provavelmente, terá despertado as atenções para si e justificado sua acolhida. Há portanto, numa primeira e exterior aproximação à obra, a constatação de que o narrado, diversamente do restante de sua produção, assumiria uma importância significativa.

No entanto, há que se observar detidamente essa assertiva. Se o primeiro impulso do leitor português tiver sido buscar, na Balada da praia dos cães, recordar os lances de um crime famoso, necessariamente terá deparado com um intrincado projeto ficcional, bastante mais complexo que o de um romance-reportagem (sem o deixar de ser). As relações entre o caso verídico e a

criação ficcional são numerosas e intrincadas. A partir do capitão, do médico e do cabo, o autor criou suas personagens Major Dantas, arquiteto Fontenova e cabo Barroca. Entre eles compôs um interrelacionamento bastante próximo do apurado durante as investigações, respeitando, em linhas gerais, o transcurso dos acontecimentos que culminaram no crime.

A maior parte da narrativa, entretanto, acompanha o relacionamento que se estabelece, durante as investigações, entre Elias Santana, o Chefe Covas, investigador da polícia judiciária e Mena, a amante do Major morto. Ambas as personagens, se têm um pé calçado em fatos apurados pelo processo, têm o outro plantado na ficção que Cardoso Pires engendra.

De construção fragmentária, composta por discursos que mimetizam variada origem (depoimentos, provas, diário do Major, conjeturas, hipóteses, reconstituições), não é pelo desconhecimento do desenrolar da trama que o leitor se atém à narrativa. Ao contrário, a folha de abertura apresenta uma "peça documentar" de descrição do cadáver que, em seguida, será objeto do desenrolar da investigação que compõe o próprio livro.

Essa estrutura de roconstrução de fatos dados de início, de alguma forma, repete a estrutura de O delfim que o autor lançou em 1968. Nele, um narrador-caçador tenta reconstituir, a partir da própria memória e das recordações-depoimentos da comunidade, os passos que levaram à morte (crime, acidente, suicídio?) de duas

das personagens. Na Balada da praia dos cães, a morte do Major é o ponto de partida e a prisão de Mena, amante do morto e cúmplice dos assassinos, desencadeia o processo de reconstrução do crime. Não é, portanto, para o desfecho que se dirige o olhar do leitor. Ele é obrigado a de-ter-se no caminho, nos constantes acréscimos que, a cada passo, ajudam a compor o quadro. É nesse repetido movimento de fazer e refazer de um mesmo núcleo narrativo que surgem as discussões laterais, verdadeiro centro de interesse do romance.

Como de costume na prosa cardosiana, o aparentemente lateral é deslocado para epicentro do interesse do leitor que, por sutil processo, se vê enredado pelas necessidades da própria narrativa em desenvolvimento diante de seus olhos. O desenrolar da investigação, agora ficcional, insere em três ordens as possíveis causas do crime. A primeira delas coloca à baila a hipótese de crime político pelos antecedentes do Major. Depois dela, surge como possibilidade a configuração de crime comum pelas características despóticas do caráter da vítima em relação ao grupo de companheiros de fuga. Por fim, e depois de adiantada a investigação-narrativa, insinua-se o crime passional, de intriga amorosa, a acrescentar ingredientes mais salgados à mistura inicial.

Para tanto, o expediente eleito pelo autor é bastante engenhoso. Explora a potencialidade dramática das três ordens, colocando o narrador colado à figura do investigador Covas que será seu ponta de lança. Co

mo Covas é um investigador da polícia judiciária, quer para si e para a sua instituição os louros do caso. Não omite, porém, que são igualmente cobiçados pela polícia política, sua rival por tradição. Ambas, polícia política e polícia judiciária, confrontam-se em velada mas contundente luta no interior do grande estado policial que abarca o país durante o salazarismo. Por outro lado, essa mesma personagem é posta, durante o processo de investigação, em íntimo contato com Mena, a quem interroga e que não lhe é, em absoluto, indiferente. Essa circunstância implanta o terceiro elemento: a potencialidade do passional revivido naquele espaço de cela.

Ao centrar-se basicamente em duas personagens, Covas e Mena (as mais distantes dos fatos criminais de base), a narrativa promove a dramatização de toda uma série de tensões que, ao se desdobrarem, espelham as relações outras das personagens: investigador/acusada, carcereiro/prisioneira, dominador/dominada, homem/mulher, e todos os sentimentos, emoções, paixões delas advindos. As situações, que se estabelecem no espaço da cela entre Mena e Covas, induzem à dedução de que, retiradas de um para outro espaço - Casa da Vereda -, haviam sido vividas anteriormente por Mena e o Major, também ele carrasco de quem depois será vítima.

Diante de tão intrincada rede de interrelações e analogias internas à narrativa, que se espraia por personagens, temas, tipos de discurso, tempos e espaços, o que ressalta é, ainda, a discussão dos valores que dão

consistência (como estabelecem a fraqueza) às relações sociais. No entanto, o sistemático desmascaramento de todos eles parece conferir novidade ao processo de Cardoso Pires. Nas obras anteriores está sempre bastante claro que certa ordem de valores se contrapõe à outra também claramente estabelecida. O desmascaramento levado a cabo na Balada da praia dos cães, no entanto, é mais radical: um a um os valores são desmontados, demonstrados em suas fragilidades, no momento dialético de viragem em que, à direita ou a esquerda, dentro de um esquema político que perpetua a desigualdade, passam a escarnar as próprias mazelas humanas.

A liquidação de valores, então, corresponde a uma crença: a de que o medo e a desconfiança generalizada, produtos diletos do sistema propositadamente referenciado no romance, acabavam por penetrar todos os estratos, segmentos e grupos da sociedade, instalando-se no centro das relações interpessoais, solapando-as sem apelação. Num estado autoritário, mesmo aqueles que se opõem a ele tendem a reproduzir, em suas relações, os processos dominantes. Afinal, não estão, por suas convicções mais ou menos sólidas, imunes à ação ideológica do todo.

A bem bolada Balada da praia dos cães, ao lado do admirável exercício de estilo em que estão representadas com exatidão a linguagem lisboeta e os vários jargões dos grupos de personagens, mantém um diálogo preciso entre duas épocas: a que encerra os acontecimentos da fábula e a que se abre no momento da leitura. A mútua

iluminação, do presente pelo passado e do passado pelo presente, surge como um aviso, uma denúncia cabal travestida em romance policial. Desse modo, o que ã primeira vista parecia divorciar-se do conjunto da obra cardosiana, se, efetivamente, lança mão de processos inusitados em sua própria tradição, afunda ainda mais no humano, firmando maior, e mais sutil, coerência interna.